

A Lobotomização do TikTok: o uso do humor na dessensibilização da juventude¹

Alice Souza RAIMONDI²

Isadora Gonçalves Eleutério Dias ARAÚJO³

Fábio Gomes GOVEIA⁴

Universidade Federal do Espírito Santo, Espírito Santo, ES

RESUMO

A popularização da lobotomia em meados do século passado deve-se em grande medida ao entusiasmo das primeiras coberturas jornalísticas. A técnica entrou em desuso devido a seus efeitos colaterais irreversíveis, mas continuou no imaginário popular por meio da indústria cultural. No ambiente digital, a ideia de lobotomia foi repopularizada pelas gerações mais jovens. O presente trabalho analisa o uso da *hashtag* “lobotomy” na plataforma TikTok e os diferentes sentidos atribuídos ao termo, por meio de análise qualitativa de dados. Conclui-se que a exposição frequente a esse tipo de conteúdo pode esvaziar o sentido original do termo e influenciar comportamentos coletivos.

PALAVRAS-CHAVE: lobotomia; TikTok; estetização; dessensibilização; juventude.

CORPO DO TEXTO

Os meios de comunicação de massa são responsáveis por diversos equívocos ao longo da história, resultando em fenômenos sociais como a popularização da lobotomia na metade do século passado (DIEFENBACH et al, 1999). A lobotomia é um procedimento psicocirúrgico utilizado como último recurso no tratamento de patologias mentais, desenvolvido pelo médico português Egas Moniz em 1935 e expandida pelo estadunidense Walter Freeman. Na época, os Estados Unidos viviam uma crise de superlotação das instituições psiquiátricas, e a nova técnica funcionava como uma solução rápida e barata para o esvaziamento em massa desses espaços. Atualmente, a prática é controversa, devido aos efeitos colaterais irreversíveis – como demência, epilepsia, alterações de personalidade e apatia – somados a sua alta taxa de mortalidade. Entretanto, as primeiras coberturas sobre o procedimento cirúrgico eram desprovidas de críticas sobre o seu uso irresponsável, levando a uma rápida adesão da população estadunidense à cirurgia (DIEFENBACH et al, 1999).

Mesmo com o declínio das práticas psicocirúrgicas, a idealização da lobotomia vem crescendo no imaginário das gerações mais jovens e marcando comportamentos

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Estudos em Comunicação e suas interdisciplinaridades, evento integrante da programação do 27º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 30 de maio a 1º de junho de 2024.

² Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Com. Social – Jornalismo da UFES, email: alice.sr10@gmail.com

³ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da UFES, e-mail: isadoraeleuterio@gmail.com

⁴ Professor do Departamento de Comunicação Social da UFES, email: fabiogv@gmail.com

coletivos. A repopularização desse conceito deve-se ao fato de sua representação nunca ter desaparecido efetivamente do imaginário popular. Através de filmes e da indústria cultural estadunidense, a iconicidade da lobotomia surge como a ameaça final ao individualismo e ao liberalismo, que fazem parte do núcleo mítico da nação americana (JOHNSON, 2014). Ainda que as representações fossem imprecisas do ponto de vista médico, elas são evidências da permeabilidade da lobotomia na cultura popular, que se expande também aos países influenciados culturalmente pela potência norte-americana.

O presente trabalho visa explorar os diferentes significados que a lobotomia passou a representar no contexto de mídias sociais, a partir da análise de *hashtags* na plataforma TikTok. A escolha de tal rede social deu-se em vista de sua atratividade para a população jovem brasileira, já que a plataforma somou no início de 2023 cerca de 82,2 milhões de usuários com 18 anos ou mais, segundo o DataReportal, relatório anual sobre o uso da internet. Por esse motivo, formatos próprios da juventude são identificados na produção e circulação dos conteúdos da plataforma.

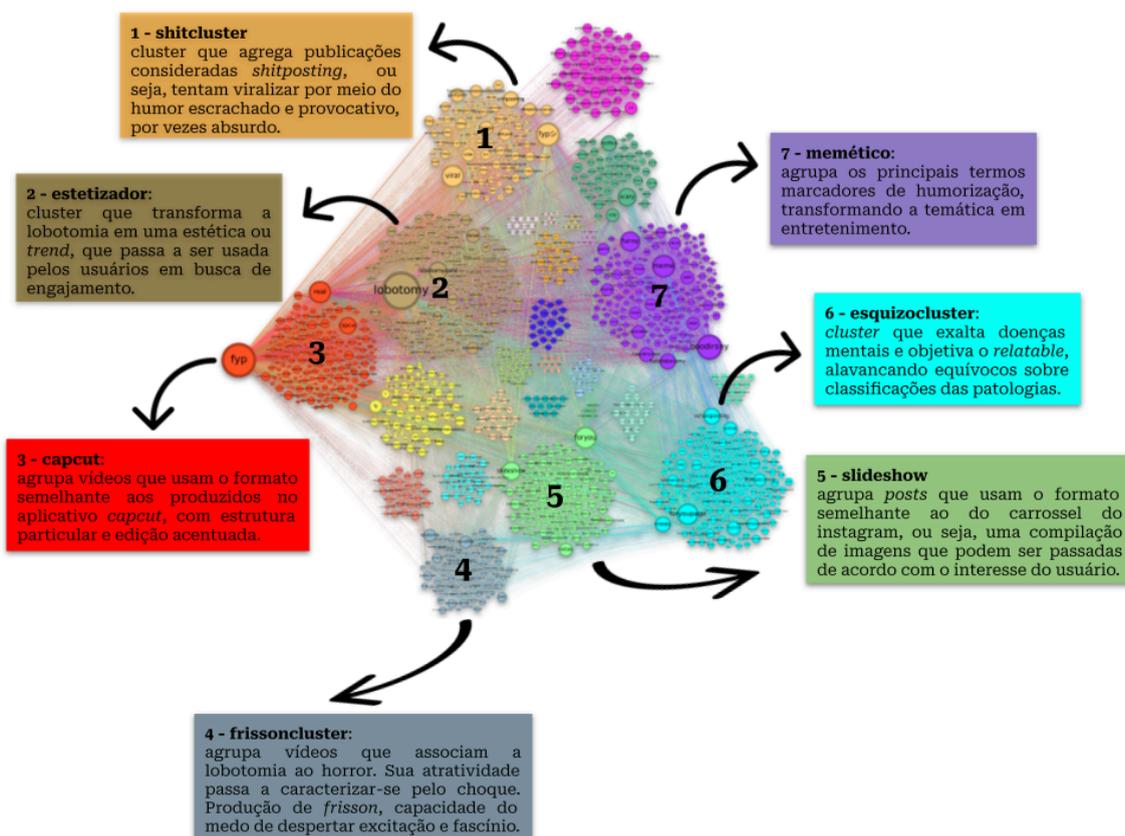
Um comportamento coletivo encontrado no TikTok é a banalização e sucessiva humorização de temáticas relacionadas à saúde mental, que vão desde discursos autodepreciativos até menções sobre o desejo de realizar psicocirurgias – em especial, a lobotomia. "Eu preciso que um desses seja feito em mim, de verdade #lobotomy #aesthetic #kawai", diz a legenda de um *post*⁵ com ilustrações de lobotomias, seguido de comentários como: "Meu próximo piercing <3" e "Vou testar e já volto". Ainda que envolto de ironia, tais discursos demonstram a crescente relativização que assuntos conexos à saúde pública vêm sofrendo nas redes sociais.

Para analisar as narrativas predominantes sobre lobotomia na plataforma de vídeos, foram realizadas duas coletas por meio do *script* ExportComments. A primeira coleta foi a da *hashtag* "lobotomy", reunindo 444 vídeos e somando aproximadamente 473 milhões de visualizações. A segunda coleta foi da *hashtag* "lobotomia", com 357 vídeos e cerca de 79 milhões de visualizações. Por conta da maior repercussão da primeira *hashtag*, as análises centraram-se no termo em inglês. Foram coletados vídeos de 2020 a 2023 – determinado pelo próprio *script* – e elaborado um grafo pelo programa de visualização Gephi, a fim de manejar a conexão entre as *hashtags* postadas na descrição dos vídeos. É importante ressaltar que, mesmo coletada em inglês, a *hashtag*

⁵ Disponível em: <<https://www.tiktok.com/@thymice/photo/7151507358764600581>>.

“lobotomy” recebe grande atenção do público juvenil brasileiro, que tende a engajar mais do que produzir conteúdos humorísticos sobre a lobotomia, algo comprovado pela presença de comentários em português em diversos vídeos em língua inglesa.

Imagem 1: Grafo de relações entre as *hashtags* e produção de sentido de cada *cluster*



Fonte: A autora

O grafo⁶ acima revela que as *hashtags* organizam-se em grupos de afinidade. Cada cor no grafo indica um desses conjuntos de conectividade preferencial e expressa um sentido da viralização sobre lobotomia no TikTok. Foram classificados os 7 maiores *clusters* dentre os 27.

O primeiro grupo, denominado de “shitcluster”, agrupa *hashtags* que marcam o gênero *shitpost*⁷. Nesse *cluster*, a relação dos *posts* com a lobotomia é majoritariamente algorítmica, sem muitas referências ao contexto histórico ou às cirurgias em si, apresentando afirmativas aleatórias como "Eu sou uma guitarra" ou “Império vasco>”⁸.

⁶ Para melhor visualização [clique aqui](#).

⁷ Termo que se refere a postagens sem contexto aparente, de humor agressivo, nonsense, irônico ou troll de baixa qualidade, em sua maioria referenciando a cultura pop.

⁸ Comentários do *post* disponível em: <https://www.tiktok.com/@quandalio_/video/7190454116533931270>.

O segundo *cluster*, intitulado de “estetizador”, agrupa “lobotomy” com termos como: “lobotomycore”, “chic”, “fastfashion”, “corecore” e “influencer”. Levando em consideração a potência das *hashtags* para a viralização e a lógica algorítmica do TikTok, os produtores de conteúdo de entretenimento transformaram os discursos sobre lobotomia em uma estética, perceptível pelo nó *lobotomycore* do *cluster* bege, visto que é o maior nó associado à *hashtag lobotomy*. O sufixo “core”, em inglês, é utilizado para a construção de estéticas que visam representar a ideia central do prefixo da palavra, designando a derivação de gêneros como em *hardcore* (gênero de punk rock) ou em *cottagecore* (gênero estético que exalta um estilo de vida do interior). *Lobotomycore* é uma estética centralizada na dessensibilidade, indiferença e alienação – em vista das principais sequelas dos pacientes após o procedimento cirúrgico.

Embora popular no TikTok, a estetização e glorificação das doenças mentais não é exclusiva da plataforma, também encontrada no fenômeno das *sad girls* do Tumblr. De acordo com a pesquisadora Fredrika Thelandersson em seu artigo "Sad Girls das Redes Sociais e a Normalização dos Estados de Tristeza do Ser", o fenômeno das *sad girls* no Tumblr pode ser entendido como um possível agregador de subjetividades. Através do compartilhamento e repostagem de conteúdos tristes e depreciativos, a posição subjetiva da *sad girl* emerge e se torna disponível para os usuários habitarem. De forma semelhante, a estetização da lobotomia consiste em um processo de subjetivação mediado⁹, circulando de maneira semelhante a um meme, aproveitando sua capacidade de distribuição e repetição.

O terceiro e o quinto *clusters* foram denominados respectivamente de “capcut” e “slideshow”, por estarem agrupados devido a seu formato específico, em vez de possuírem um conteúdo em comum. Assim, cada formato oportuniza novas maneiras de disseminar narrativas já presentes nos outros *clusters*. Ou seja, o alcance dos *posts* com formato de *capcut*, que são marcados pela presença de cortes rápidos, efeitos de edição e o uso de músicas ou áudios populares vai ser diferente do alcance de *posts* com formato de *slideshow*, reconhecidos por ilustrações meméticas, colagens e carrosséis, característicos de plataformas de texto e imagens.

⁹ Segundo a autora, tais processos de subjetivação mediada existem em diversas plataformas de mídia social e consistem em um *continuum* das representações em mudança da saúde mental na cultura popular *mainstream*. Isso transforma a lobotomia, ou a melancolia no caso das *sad girls*, em um conceito essencial para a construção de personas na internet e determinante para permanência dos indivíduos em grupos digitais.

O quarto *cluster* foi nomeado de “*frissoncluster*”, já que se apropria do *frisson* – capacidade dos gêneros de horror de evocar sentimentos de excitação e fascínio ao chocar o espectador. Alguns dos nós com maior destaque são: “*horrorTok*”, “*disturbing*”, “*piercingchallenge*”, “*creepyTok*”, “*medical*” e “*fotospertubadoras*”. Essa é uma forma diferente de estetizar a lobotomia, já que essa estética reflete no comportamento de contemplação do horror, comentado pela filósofa Susan Sontag em seu livro “*Diante da dor dos outros*”: “*Existe a satisfação de ser capaz de olhar para a imagem sem titubear. Existe o prazer de titubear*” (2003, p.37). Ao mesmo tempo que pode contribuir para a banalização do sofrimento alheio, também pode formar discursos múltiplos sobre os conceitos de dor e tristeza.

O sexto grupo, denominado de “*esquizocluster*”, em vista do excessivo uso do prefixo “*schizo*” encontrado em nós como “*schizoposting*” e “*schizotok*”, agrupa vídeos contendo frases como “*Eu quando ainda escuto as vozes depois da lobotomia*”, fazendo referência a sintomas de esquizofrenia. O *cluster* azul também chama atenção por associar termos como “*divertido*”, “*goofy*” e “*engraçado*” com “*schizophrenic*”. A presença de nós como “*meafterlobotomy*” (eu depois da lobotomia), “*schizoposting*” e “*schizotok*”, evidencia a crescente banalização que essas temáticas vêm sofrendo, uma vez que passaram a ser replicadas como conteúdos que visam o *relatable* – ou seja, a identificação do receptor com a mensagem e a construção de uma figura subjetiva.

O sétimo grupo foi denominado de “*memético*”. Nele, é comum encontrar sintagmas como “*live, laugh, lobotomy*”, (algo como “*viva, ria, lobotomia*”¹⁰). O *cluster* roxo escancara a associação com a produção de humor, tendo a presença de termos como “*meme*”, “*joke*”, “*funny*”, “*hoodironymemes*”, ao mesmo tempo que expressa a intenção dos usuários em viralizar esse tipo de conteúdo com os termos “*trend*”, “*trending*”, “*relatable*”. É importante destacar o fenômeno dos *hood irony memes* como uma evolução do *shitposting* que satiriza a cultura urbana *underground*, também manifesto no TikTok como “*Hood Lobotomy*”. A categoria engloba vídeos com ícones visuais excessivos, figuras irônicas de baixa qualidade e informações desconexas. A construção de sentido desse gênero objetiva a confusão, forjando a perspectiva desorientada de pessoas que passaram pelo procedimento da lobotomia.

¹⁰ Derivado da expressão “*live, laugh, love*” (viva, ria, ame) do poema “*Success*” de Bessie Anderson Stanley. Usada como *catchphrase*, a expressão transformou-se em uma piada interna coletiva que ironiza a inautenticidade das gerações mais velhas.

Por fim, a lobotomia transforma-se em uma unidade de cultura viral e uma plataforma de subversão. A inversão de valores implicada nas associações semânticas analisadas retratam uma resposta da juventude sobre o modelo de normação do biopoder, uma vez que o apontamento entre o que é considerado normal ou anormal é rompido. Em contrapartida, a plataforma de subversão também funciona como dessensibilizador da juventude, deixando os indivíduos conformados ao invés de chocados em relação a tópicos mais sensíveis, por exemplo, acerca dos horrores proporcionados pela lobotomia. Assim, existe o risco potencial na exposição frequente a conteúdos com temáticas semelhantes ao estudado, no que tange à espetacularização e ao fortalecimento de informações prejudiciais à saúde pública. Diante da relevância do assunto, do impacto na juventude e da escassez de estudos sobre a memetização da lobotomia, a compreensão do fenômeno global depende de estudos científicos, que também devem preocupar-se com os ambientes informais dos memes.

REFERÊNCIAS

DIEFENBACH, G J; DIEFENBACH, D; BAUMEISTER, A; WEST, M. **Portrayal of lobotomy in the popular press: 1935-1960**. Journal of the history of the neurosciences, v. 8, p. 60–69, 1999. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/epdf/10.1076/jhin.8.1.60.1766?needAccess=true>> Acesso em: 14 mar 2024.

I NEED ONE... @thymice. **TikTok**, 06 out 2022. Disponível em: <<https://www.tiktok.com/@thymice/photo/7151507358764600581>>. Acesso em: 09 abr 2024.

JOHNSON, JENELL. **American lobotomy: A rhetorical history**. University of Michigan Press, 2014.

KEMP, SIMON. **Digital 2023: Brasil**. Disponível em: <<https://datareportal.com/reports/digital-2023-brazil>>. Acesso em 06 mar 2024.

QUANDALIO... @quandalio. **TikTok**, 19 jan 2023. Disponível em: <https://www.tiktok.com/@quandalio_/video/7190454116533931270>. Acesso em: 09 abr 2024

SONTAG, SUSAN. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2003.

THELANDERSSON, FREDRIKA. **"Social media sad girls and the normalization of sad states of being."** Capacious: journal for emerging affect inquiry, v. 1 p. 1-21, 2018. Disponível em: <<https://pdfs.semanticscholar.org/5e4d/d6d3d5760754bc244982b352fdae5829cb7.pdf>>. Acesso em: 19 mar 2024.